

## **Chegada a Valencia**

*Flavio Aguilar*<sup>1</sup> - *Agencia Carta Maior*  
*5 de diciembre de 2004*

*Mataron a Federico*  
*Cuando la luz asomaba...*  
*Que fue en Granada el crimen*  
*Sabed - ¡pobre Granada! -, en su Granada...*

Estas linhas são de poema de Antonio Machado, grande poeta espanhol, e ele escreveu-as em Valência, em 17 de novembro de 1936, ao saber da morte de Federico Garcia Lorca, assassinado pelos falangistas de Franco, ao começo da guerra civil espanhola.

Valência é uma cidade mediterrânea. Ela nos recebe – a equipe da **Agência Carta Maior** -, para a cobertura do Fórum Mundial sobre Reforma Agrária, em clima de fim de outono. Frio, pero no demás, céu gris, chuvas picadas e aguaceiros ocasionais. Do aeroporto à cidade, coisas curiosas ressaltam à vista: butiazeiros perfilados, relembrando, nestas terras de Europa, as paisagens brasileiras sulinas, ao lado das tantas palmas locais.

Valência: todas as belezas, crueldades, guerras, violências, pensamentos, conquistas, liberdades de Espanha por aqui passaram, de modo marcante. Valência foi fundada e destruída e refundada várias vezes, desde os romanos, antes de Cristo. Hoje se refunda um renascimento catalão, visto nos cartazes e na língua, por toda a parte, desde os fins da ditadura franquista, ainda no século XX...

Na praça central da cidade estão El Ayuntamiento – quer dizer, a Prefeitura – e o Hotel Londres. No anfiteatro do primeiro realizavam-se as reuniões do governo republicano a partir de novembro de 1936, quando ele transferiu-se de Madri para a cidade. No segundo, hospedavam-se muitos membros do governo, e ele ficou sendo uma espécie de símbolo do período. É um prédio de esquina, de cor avermelhada, um hotel normal.

Como em outras cidades européias marcadas pelas guerras do século XX, Valência guarda as cicatrizes dos bombardeios contra a população civil. Aqui eles foram aéreos e marítimos. Nos bombardeios aéreos, durante a guerra civil, destacaram-se as operações nazistas (alemãs) e fascistas (italianas). A marca é a de prédios mais novos que imitam o estilo antigo, das casas e construções ao redor que não caíram. São “remendos”, construídos numa época em que se procurava ocultar as cicatrizes.

Antes do encontro tive tempo de visitar o Mercado de Valência – um edificio enorme, baixo, recoberto de azulejos, e coberto no seu interior por um exército perfilado de presuntos – os jamones serranos – cuja marcialidade e disciplina são impressionantes,

---

<sup>1</sup> Cobertura jornalística feita com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil. Flávio Aguilar é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP) e editor da TV Carta Maior

ao lado da invasão odorosa dos queijos, e por uma massa indisciplinada de frutos do mar, de todas as cores e de todas as virtudes e virtualidades, cuja invasão odorosa é absolutamente indisciplinada, lembrando os anarquismos de antanho.

Do lado de fora, ao lado do Mercado, está a única Igreja do mundo, que eu conheça, que é dedicada a dois santos: a Igreja “de los Santos Juanes”, “dos Santos Joões”! São os Evangelista e Batista, e a Igreja, cujos primórdios remontam ao século XII, tem as faces externas de diferentes épocas. A mais interessante é a da frente, a mais antiga, com as alturas góticas contrastando com a severidade da fachada românica. Serão o Mercado e a Igreja, com suas tensões e contradições, uma metáfora de Valência e de Espanha? Vá se saber...

Fui também, é claro, ao recinto em que se realizará o Fórum. É na Universidade de Valência, na Escola Politécnica, longe do centro, mas perto, no tempo, graças à eficiência do Metrô, que nos faz pensar no quanto estamos atrasados no Brasil em termos de transporte público, graças à vitualha da opção pelo transporte individual feita durante a ditadura.

A universidade é impressionante, com sua arquitetura ao mesmo tempo massiva e pós-moderna, de vidros reflexos e pouca permeabilidade com o meio ambiente. Essa arquitetura (sinal da universidade?) parece ser um elogio da técnica e de sua possibilidade de tudo prover. Mas em detrimento de uma integração com a natureza, cujo conceito, para nós, tornou-se o de uma “reserva”. Não simpatizo. Mas o pessoal que nos aguarda para o credenciamento é por demais simpático. É tudo muito caloroso e tem algo de improvisado: os terminais para a transmissão ao vivo não estão prontos, o técnico que devia estar lá já foi embora, mas por telefone nos assegura que tudo estará normal... enfim, contradições entre tecnologia de ponta e realidades humanas, coisas de Espanha, guerras e anarquismo...

O Fórum homenageia Pascual Carrión, professor da Universidade, que implementou a reforma agrária na Espanha durante a década de 30, até o franquismo, tendo sido chefe do Instituto de Reforma Agrária no governo durante o período da guerra civil, em 1937 e 1938. É um sinal dos novos tempos.

A Guerra Civil e seus personagens são temas difíceis na Espanha. Quando chegávamos, por avião, deparei com uma notícia no El País, segundo a qual poucos dias antes fora feita uma reunião massiva em homenagem aos republicanos mortos e que era essa a primeira vez na história em que tal acontecimento se produzira.

Há um movimento intenso para que se revelem os locais das valas comuns em que foram enterrados os cadáveres dos republicanos fuzilados. São cerca de 30 mil corpos, segundo os relatos. Os dos falangistas (também houve fuzilamentos massivos e crueldades do lado republicano) foram localizados; os outros não. Há pessoas, sobreviventes de ambos os lados, que sabem onde elas estão. Mas têm medo de falar. E curiosamente, na Espanha, não se usa a expressão “desaparecidos”... Parece que durante um bom tempo foi a história que desapareceu. O governo do PP, de Aznar, foi insensível aos apelos. O Socialista, de Zapatero, deve encaminhar a questão. Uma nova Espanha se desenhará.

Olho agora pela janela do meu quarto de hotel. Chove, faz frio, duas ruelas cheias de cicatrizes de guerra, como as que descrevi, convergem para o cruzamento das ruas. Embaixo, árabes, africanos, ajudam a desenhar uma nova paisagem nesta Espanha que enfrenta as cicatrizes do passado. Os galhos das castanheiras em frente levemente se agitam. Uma lambreta passa. A silhueta do guindaste agiganta-se. A terra parece uma lembrança. Bem-vinda, porque sua posse continua a ser tema de conflitos, próximos ou distantes.